**Introdução**

O tema da nossa reunião de hoje é “Atire a Primeira Pedra”. Os ensinamentos de Jesus através da passagem evangélica da mulher adúltera foram tão profundos e de tal importância que a expressão “Atire a primeira pedra” incorporou-se à linguagem comum dos povos cristãos e é utilizada até hoje quando nós queremos expressar a ideia de que ninguém tem o direito de acusar ninguém pois todos nos encontramos em débito perante as leis divinas.

Vamos então iniciar as nossas reflexões relembrando a passagem da mulher adúltera. A narrativa encontra-se registrada no Evangelho de João, no capítulo 8, versículos de 3 a 11 e conta o seguinte:

*“E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe:*

*- Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato adulterando, e, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?*

*Isso, diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escreve com o dedo na terra. E, como insistem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes:*

*- Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela.*

*E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficaram só Jesus e a mulher, que estava no meio. E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe:*

*- Mulher, onde estão aqueles seus acusadores? Ninguém te condenou?*

*E ela disse:*

*- Ninguém, Senhor;*

*E disse-lhe Jesus:*

*- Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais."*

Antes de mais nada, vamos fazer uma pequena observação acerca dessa passagem. Algumas pessoas sentem revolta diante dessa narrativa porque nela não se fala do homem com quem a mulher cometera adultério. Por quê somente a mulher deveria responder por uma falta cometida por ela e por um homem? Isso causa a impressão de que a lei isentava o homem de responder pelo crime de adultério mas não era bem assim. Se nós recorrermos ao Antigo Testamento veremos que a pena para o homem que comete adultério está prevista. Em Levíticos, o livro que contém a lei dos sacerdotes, no capítulo 20, versículo 10 consta o seguinte: “*O homem que cometer adultério com a mulher do seu próximo deverá morrer, tanto ele como a sua cúmplice*”. Também no Deuteronômio, livro que vem reforçar a ideia de que servir a Deus não é apenas uma questão de seguir a lei mas de cumpri-la com amor, no capítulo 22, versículo 22 consta a pena para o crime de adultério: “*Se um homem for pego em flagrante deitado com uma mulher casada, ambos serão mortos, o homem que se deitou com a mulher e a mulher. Deste modo extirparás o mal de Israel*”. A passagem evangélica não nos dá maiores detalhes sobre as condições em que o adultério aconteceu e, portanto, não sabemos nada sobre o homem com quem aquela mulher cometera o crime. O fato é que o verdadeiro objetivo dos escribas e fariseus ao apresentarem à Jesus a mulher adúltera não era fazer justiça; eles queriam tão somente colocar Jesus em contradição. A lei propriamente dita, nesse caso, ficou relegada a segundo plano.

Quem eram os escribas e os fariseus e por que eles queriam que Jesus caísse em contradição? Os escribas eram copistas das escrituras; eram também conhecidos como Doutores da Lei ou Intérpretes da Lei. Os fariseus eram rigorosos no cumprimento de rituais externos mas tinham sua conduta divorciada do entendimento – eles sabiam o que deveria ser feito mas não o faziam – e por isso não tinham a consciência em paz. Eram pessoas que criavam muitas complicações para os outros porque exigiam demais deles.

Jesus tornou-se um adversário para essas pessoas porque ele conclamava o povo a arrepender-se, a viver cada dia como se fosse o último, a amar os estrangeiros e até mesmo os inimigos, a recusar não apenas o adultério, o assassinato e o roubo mas também a lascívia, o ódio e a cobiça. No Reino de Deus que Jesus veio inaugurar não havia espaço para a violência de qualquer natureza, para os julgamentos maliciosos, para a ânsia de riqueza e de ascensão social, para os valores e prioridades da sociedade comum encerrada no ciclo de nascimento, casamento, morte, aquisição e gasto.

Era natural, portanto, que a doutrina de amor ensinada e exemplificada por Jesus batesse de frente com a hipocrisia dos Fariseus.

No livro Vinha de Luz, psicografia de Chico Xavier, na lição de número 54 cujo título é Fariseus, Emmanuel nos diz que aqueles mesmos Fariseus do tempo de Jesus ainda vivem nos dias de hoje. E o pior: nós podemos estar entre eles. Todas as vezes que agimos com orgulho, colocando-nos na condição de privilegiados das Forças Divinas, tentando dobrar as leis de Deus aos nossos caprichos estamos agindo como um fariseu. Em vez de nos apresentarmos como instrumentos úteis dos desígnios amorosos do Pai nós nos colocamos como crentes orgulhosos, cheios de propósitos individualistas, julgando-nos detentores de considerações especiais.

E essa condição do Fariseu dos dias de hoje é ainda mais grave para nós, Espíritas. Através do Espiritismo nós temos tido a oportunidade de ampliar intensamente o horizonte do entendimento das leis de Deus e dos ensinamentos de Jesus. Portanto, quando agimos em discordância com essas leis e esses ensinamentos, nós o fazemos totalmente por nossa vontade e não por falta de entendimento. Assumimos os papéis de escribas e fariseus por nossa livre escolha.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, a passagem da mulher adúltera é apresentada no capítulo X cujo título é “Bem Aventurados os que são Misericordiosos”. Nesse capítulo encontramos recomendações de Allan Kardec e da Espiritualidade quanto ao perdão, à reconciliação com os inimigos e ao não julgamento dos outros. E quando analisa a questão da mulher adúltera, Kardec nos fala da indulgência.

Podemos entender a indulgência como sendo a tolerância e a compreensão das faltas e das imperfeições alheias.

Kardec nos diz que a expressão “Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado” faz da indulgência um dever para todos nós já que não há ninguém que não necessite de indulgência para si mesmo. E mais: que não devemos ser mais rigorosos com as faltas dos outros do que somos com nossas próprias faltas. Infelizmente, quase sempre nós agimos de maneira contrária: somos extremamente tolerantes com nossas faltas e muito severos com as faltas dos nossos irmãos. Para nós, criamos uma série de desculpas, de argumentos para justificar nossos erros. Para nossos irmãos, as mais duras críticas e pesadas exigências.

Vamos pegar um exemplo clássico de como nós ainda nos encontramos distantes da verdadeira indulgência: Judas Iscariotes. Já se vão quase 2 mil anos desde que Judas traiu Jesus e ainda hoje nós o condenamos por seu erro como se nós mesmos não viéssemos traindo Jesus ao longo dos séculos.

Até que nós, Espíritas, já temos um novo entendimento acerca de Judas. Hoje nós compreendemos que Judas não veio ao mundo com a obrigação de trair Jesus; ele o fez por sua fraqueza e por vontade própria. Mas nós também já entendemos que Judas não está e nunca esteve condenado eternamente ao Inferno como entendem muitos de nossos irmãos de outras escolas religiosas. E nós não estamos aqui fazendo críticas a nenhuma dessas escolas.

O fato é que Judas padeceu de terríveis sofrimentos nas regiões inferiores pela traição de Jesus e pelo suicídio e precisou de séculos até poder redimir-se de seus erros na pessoa de Joana D’Arc na Europa do século XV. Só que ele já resgatou seu débito, ascendeu a planos superiores e nós aqui, passados 2 mil, continuamos condenando o discípulo de Jesus. Nem o próprio Jesus, o Puro, o traído, condenou Judas mas nós nos achamos no direito de condená-lo. Na obra “Crônicas de Além Túmulo”, ditada pelo Espírito Humberto de Campos à Francisco Cândido Xavier, no capítulo 5 intitulado “Judas Iscariotes”, o próprio Judas diz à Humberto de Campos o quanto nossa postura de condenação à ele, Judas, ainda hoje o entristece. Judas costuma visitar a Terra nos dias em que a humanidade celebra a Paixão de Cristo e ele diz que olha complacentemente para todos nós que o acusamos sem refletirmos se temos o direito de atirar a primeira pedra.

Para que nós possamos agir com indulgência temos que adotar uma postura diferente diante das faltas alheias. Temos que olhar para as dificuldades dos nossos irmãos de caminhada por um outro prisma, sob um outro ângulo.

Recorrendo uma vez mais à Humberto de Campos, novamente na psicografia de Chico Xavier, agora na obra “Boa Nova” vamos encontrar um diálogo entre João Evangelista e Jesus no momento logo após Jesus ter dito à mulher adúltera que fosse embora e não pecasse mais. Humberto de Campos narra o seguinte:

*A infeliz criatura retirou-se, experimentando uma sensação nova no espírito. A generosidade do Messias lhe iluminava o coração, em claridades vivas que lhe banhavam a alma toda. Mas, enquanto a pecadora se retirava, presa de intensa alegria, os poucos discípulos que se encontravam junto do Senhor não conseguiam ocultar a estranheza que lhes causara o seu gesto. Por que não condenara ele aquela mulher de vida censurável aos olhos de todos? Não se tratava de uma adúltera? Nesse ínterim, João se aproximou e interrogou:*

*– Mestre, por que não condenastes a meretriz de vida infame?*

*Jesus fixou no discípulo o olhar calmo e bondoso e redarguiu:*

*– Quais as razões que aduzes em favor dessa condenação? Sabes o motivo por que essa pobre mulher se prostituiu? Terás sofrido alguma vez a dureza das vicissitudes que ela atravessou em sua vida? Ignoras o vulto das necessidades e das tentações que a fizeram sucumbir a meio do caminho. Não sabes quantas vezes tem sido ela objeto do escárnio dos pais, dos filhos e dos irmãos das mulheres mais felizes. Não seria justo agravar-lhe os padecimentos infernais da consciência pesarosa e sem rumo.*

*– Entretanto – exclamou João, defendendo os princípios da lei antiga – ela pecou e fez jus à punição. Não está escrito que os homens pagarão, ceitil por ceitil, os seus próprios erros?*

*O Mestre sorriu sem se perturbar e esclareceu:*

*– Ninguém pode contestar que ela tenha pecado; quem estará irrepreensível na face da Terra? Há sacerdotes da lei, magistrados e filósofos, que prostituíram suas almas por mais baixo preço; contudo, ainda não lhes vi os acusadores. A hipocrisia costuma, campear impune, enquanto se atiram pedras ao sofrimento. João, o mundo está cheio de túmulos caiados. Deus, porém, é o Pai de Bondade Infinita que aguarda os filhos pródigos em sua casa. Poder-se-ia desejar para a pecadora humilde tormento maior do que aquele a que ela própria se condenou por tempo indeterminado? Quantas vezes lhe tem faltado pão à boca faminta ou a manifestação de um carinho sincero à alma angustiada? Raras dores no mundo serão idênticas às agonias de suas noites silenciosas e tristes. Esse o seu doloroso inferno, sua aflitiva condenação. É que, em todos os planos da vida, o instituto da justiça divina funciona, naturalmente, com seus princípios de compensação.*

Vejam só: ninguém mais, ninguém menos que João Evangelista – o apóstolo do amor questionando Jesus sobre a não condenação do mestre àquela mulher. E qual a resposta de Jesus? Ele diz a João que aquela mulher incorrera em erro sim, mas aqueles que queriam condená-la – incluindo o próprio João – desconheciam os motivos que haviam levado aquela mulher a cometer o pecado do adultério.

Jesus ainda diz a João que o maior tormento que aquela mulher adúltera sofreria seria o peso de seu próprio ato, de sua infeliz escolha, da acusação da própria consciência a lembrá-la constantemente de seu erro. E é importante nós observarmos aqui que Jesus fala que justiça será aplicada sim sobre aquela mulher porque Ele diz que ela própria se condenou ao sofrimento por tempo indeterminado. Ou seja: ela terá que quitar seus débitos com a Justiça Divina pelo erro cometido. Qual o tempo necessário para isso? Não se sabe.

Outro ensinamento valioso dado por Jesus nesse diálogo com João: o Mestre nos ensina que Deus, em sua Infinita Justiça, sempre leva em consideração as circunstâncias nas quais cometemos nossas faltas. Aquela mulher fora induzida ao adultério pela fome, pela solidão, pelo desprezo dos outros, pela falta de amor e atenção. Mas Jesus fala dos magistrados e filósofos que prostituíram as almas por mais baixo preço. E quanto a nós? Quantas vezes nós nos entregamos ao erro deliberadamente, sem necessidades de maior vulto? Erramos por livre vontade exclusivamente para atender ao orgulho, à vaidade, aos nossos caprichos.

Precisamos trazer esse entendimento para a prática em nossas vidas. Quantas vezes nós não criticamos ou condenamos nossos irmãos de caminhada pelos seus erros sem conhecer as circunstâncias de suas vidas que os levaram a tais erros? Será que nós, se estivéssemos vivendo exatamente sob as mesmas condições desses irmãos a quem condenamos, não erraríamos da mesma forma ou talvez de maneira ainda mais grave? Será que nós conseguiríamos passar pelas dificuldades pelas quais passam os nossos irmãos isentos de erro ou, se preferirem, de pecado?

E com relação a essa questão, Allan Kardec é muito claro lá no Evangelho Segundo o Espiritismo quando nos recomenda avaliar nossa própria condição diante das faltas alheias: se cometemos os mesmos erros de nossos irmãos então não temos o direito de condená-los. E mesmo que depois de nossa análise cheguemos à conclusão de que não cometemos uma determinada falta em particular, certamente cometemos outras e, portanto, somos igualmente necessitados de indulgência. Muito importante essa observação: se em nossa busca pela evolução espiritual nós já conseguimos colher algum fruto, isso não nos dá o direito de menosprezar nossos irmãos que ainda estão preparando o terreno do coração ou iniciando a semeadura. Muito antes pelo contrário.

Bom, se de um lado é preciso que nós procuremos entender as causas de erros e quedas de nossos irmãos, de outro é preciso que nós tenhamos esse entendimento com equilíbrio. O Espiritismo nos recomenda submeter tudo ao crivo do bom senso e da razão. Como podemos então equilibrar indulgência e justiça? Porque se nós adotarmos sempre a política de perdão das faltas alheias, como estabelecer e cumprir a justiça entre nós? Emmanuel, sempre ele, tem a resposta para nós. Na obra “O Consolador” com psicografia de Chico Xavier, na primeira parte do livro que trata das Ciências Fundamentais, no item relativo à Sociologia, na pergunta de número 64 Emmanuel foi questionado da seguinte forma:

**64 –***Em face da lei dos homens, quando em presença do processo criminal, deve dar-se o voto condenativo, em concordância com o processo-crime, ou absolver o réu em obediência ao “não julgueis”?*

- Na esfera de nossas experiências, consideramos que, à frente dos processos humanos, ainda quando as suas peças sejam condenatórias, deve-se recordar a figura do Cristo junto da pecadora apedrejada, pois que Jesus estava também perante um júri.

*“Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra*” – é a sentença que deveria lembrar, sempre, a nossa situação comum de Espíritos decaídos, para não condenar esse ou aquele dos nossos semelhantes. “*Vai e não peques mais*” – deve ser a nossa norma de conduta dentro do próprio coração, afastando-se a erva do mal que nele viceje.

Nos processos públicos, a autoridade judiciária, como peça integrante da máquina do Estado no desempenho de suas funções especializadas, deve saber onde se encontra o recurso conveniente para o corretivo ou para a reeducação do organismo social, mobilizando, nesse mister, os valores de sua experiência e de suas responsabilidades.

Individualmente, porém, busquemos aprender que se podemos “julgar” alguma coisa, julguemo-nos, sempre, em primeiro lugar, como o irmão mais próximo daquele a quem se atribui um crime ou uma falta, a fim de estarmos acordes com Aquele que é a luz dos nossos corações. Nas horas comuns da existência, procuremos a luz evangélica para analisar o erro e a verdade, discernir o bem e o mal; todavia, no instante dos julgamentos definitivos, entreguemos os processos a Deus, que, antes, de nós saberá sempre o melhor caminho da regeneração dos seus filhos trabalhadores.

Por essa resposta de Emmanuel nós entendemos que não podemos abdicar da justiça e da aplicação das penas como medida para a contenção e correção dos crimes cometidos na sociedade. Se nós analisássemos tudo exclusivamente sob a ótica do “não julgueis” nós estaríamos sendo coniventes e até mesmo sendo incentivadores do crime e é obvio que isso não deve acontecer. Emmanuel diz que a justiça dos homens tem o seu papel como ferramenta de correção e reeducação do organismo social. Mas ele nos pede que, individualmente, no nosso dia a dia, diante dos erros dos outros, busquemos a luz do Evangelho para analisar o erro e a verdade, diferenciar o bem do mal.

E essa recomendação de Emmanuel é extremamente necessária nos dias de hoje. Temos presenciado um crescimento assustador da violência e dos crimes. Infelizmente a mídia em geral transformou-se em instrumento de propagação do mal, divulgando-o a todo momento e de todas as formas possíveis. Precisamos ser vigilantes quanto a isso para não sermos tomados por uma onda de medo e negativismo. E diante das notícias de crimes que chegarem até a nós, lembremo-nos do conselho de Emmanuel. Busquemos a luz do Evangelho para compreender que, por detrás de todos esses agentes do crime, há corações de mães, pais, filhos, esposos e esposas que sofrem profundamente. E se por acaso nós somos parte integrante do máquina da justiça de nossa sociedade, desempenhemos a atribuição que nos cabe, de acordo com que nossas leis exigem mas ainda assim, procuremos agir com espírito cristão em nossos corações.

Nosso país vive um momento importantíssimo na política. E talvez a maior reclamação que nós tenhamos a fazer dos nossos governantes é a corrupção. Nós não hesitamos em atirar pedras nos nossos dirigentes pelos seus erros. Mas será que nós, no nosso dia a dia, não cometemos atos de corrupção aparentemente pequenos e que nós consideramos inofensivos? Não infringimos uma lei de trânsito quando não há ninguém por perto para nos multar? Não nos apossamos de coisas de pequeno valor que na verdade não nos pertencem? Não usamos de meios digamos, indiretos, para alcançar determinados resultados? Uma grande maioria de nós vai responder sim à pelo menos uma dessas perguntas. E aí nós temos que refletir: se com coisas tão pequenas nós temos falhado, será que não cederíamos à corrupção se viéssemos a assumir um cargo de importância na direção da nossa cidade, do nosso estado, do nosso país? Se tivéssemos sob nosso controle um poder enorme e quantias vultuosas de dinheiro, faríamos tudo exatamente como nos recomenda Jesus e o evangelho? Sim, porque nós conhecemos o evangelho; muitos dos nossos irmãos que governam nosso país talvez não conheçam. Nossa responsabilidade nesse caso é maior que a deles.

Na mais pura realidade, cabe a nós nesse sentido, mantermo-nos vigilantes ao extremo para não cairmos em erro. E também orar muito pelos que erraram e estão errando. Não se faz necessário que atiremos pedras nos que erram. Como disse Jesus à João, esses irmãos, pelos erros cometidos, já colocaram sobre os próprios ombros fardos pesadíssimos. Eles não precisam da nossa acusação nem de nossa condenação.

A Espiritualidade Superior já nos disse que Jesus é o tipo mais perfeito que Deus deu aos homens conhecer no nosso planeta. Portanto, Ele deve ser o guia e o modelo a ser seguido por nós. Jesus, como temos tido a oportunidade de aprender, não perdeu uma única oportunidade de ensinar exemplificando. Através das palavras, dos gestos e atitudes mais simples, o Mestre não desperdiçou um único ensejo de ensinar. E não foi diferente na passagem evangélica da mulher adúltera. Na verdade essa passagem é tão rica nos ensinamentos que nos traz que cada palavra, cada gesto carrega em si um ensinamento. Como nosso tempo aqui é limitado nós vamos analisar apenas alguns dos trechos da narrativa observando o comportamento de Jesus e verificando como as lições do Mestre aplicam-se a nós.

* ***“E os escribas e fariseus”***: já falamos anteriormente sobre os escribas e Fariseus, pessoas que detinham o conhecimento das leis de Deus. Eles próprios não as praticavam mas eram rigorosos na exigência de que os outros as praticassem. Nós muitas vezes agimos assim. Já sabemos o que é certo fazer, não o fazemos e somos intransigentes com nossos irmãos que – assim como nós mesmos – erram. Estamos sempre dispostos a atirar a primeira pedra sem analisar nossa própria conduta;
* ***“Trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério”***: a mulher fora apanhada em adultério. Isso quer dizer que a mulher foi surpreendida em um ato que ela pretendia ocultar das pessoas e da sociedade. Quantas vezes nós agimos procurando esconder nossas ações, sentimentos e até mesmo pensamentos? Em geral nossa própria consciência é a primeira a nos apanhar, a nos surpreender naquilo em que queríamos esconder. Precisamos ser vigilantes a todo momento; muitas coisas nós conseguimos esconder aqui em meio à matéria mas nossa vida é um livro aberto para os espíritos superiores e à vezes até mesmo para os espíritos inferiores, dependendo da natureza de nossos pensamentos e ações;

O adultério: adultério não é apenas um ato de infidelidade conjugal. Todas as vezes que nós deliberadamente alteramos de maneira indevida alguma coisa com o objetivo de atender exclusivamente aos nossos interesses, estamos cometendo adultério. Assim, estaremos em adultério todas as vezes que alteramos os compromissos que assumimos com pessoas, situações, coisas e nossa própria consciência;

* ***“E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando”***: os escribas e fariseus ao interrogarem Jesus o chamam de mestre mas eles não tinham Jesus sob tal consideração. Se o tivessem eles não estariam lá tentando fazer Jesus cair em contradição. Para nós Jesus é o Mestre em excelência mas qual tem sido de fato nossa postura diante desse mestre? Será que quando nos dirigimos a ele nós de fato nos colocamos na condição de aprendizes sinceros? Ou será que nós condicionamos a mestria de Jesus aos nossos próprios interesses? Queremos de fato praticar os ensinamentos de Jesus ou seguimos apenas os passos Dele que se enquadram em nossos interesses pessoais?
* ***“E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu pois, que dizes?”*** Esse foi o questionamento feito à Jesus ao apresentarem a ele a mulher adúltera. Há dois ensinamentos para nós nessa pergunta: o primeiro é um convite a que avaliemos o teor das respostas e dos conselhos que damos às pessoas no nosso dia a dia? Essas respostas estão de acordo com o Evangelho do Cristo? Ou as intenções por trás de nossas respostas são tendenciosas e inflexíveis como a atitude dos escribas e fariseus? O segundo ensinamento dessa pergunta é que em todas as situações de nossas vidas em que tivermos dúvida de como melhor proceder, podemos buscar o auxílio de mais alto perguntando mentalmente “Jesus, diante dessa situação o que o Senhor diz”? Se o fizermos de coração com certeza receberemos a inspiração e a intuição para agirmos de acordo com os ensinamentos do Cristo;
* ***“Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de o acusar. Mas, Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra”***: desde que assumiu a posição de Governador Espiritual da Terra Jesus tem se inclinado para nos ensinar e nos auxiliar. Ele é um Espírito de elevação absurdamente superior à nossa condição mas por amor, humildade e caridade, Jesus tem vindo a nós, inclinando-se, fazendo-se menor para que nós, através do nosso esforço e trabalho ao longo dos séculos, possamos subir até ele.

Muito se tem cogitado sobre o que Jesus escreveu no chão naquele momento. Alguns dizem que eram os nomes dos erros cometidos por aqueles que estavam tentando desafiar Jesus. O que quer que Jesus tenha escrito naquele momento, foi escrito no chão, na terra e, portanto, seria facilmente apagado em muito tempo. As coisas da terra são transitórias, passageiras, suscetíveis de se perderem com o tempo. O ensinamento de Jesus através desse gesto é para que nós gravemos no solo do coração os valores indeléveis ensinados e exemplificados por Ele;

* ***“E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”***: Jesus havia anteriormente inclinado para escrever na terra mas no momento de se posicionar diante daquelas pessoas, ele endireitou-se. Esse gesto de Jesus como que dizia àqueles que interrogavam “Eu agora vou falar a vocês com a autoridade que me cabe, com a postura que possuo para falar das verdades da vida”. Naturalmente não temos a condição moral de Jesus devemos manter a mesma firmeza de atitude diante das situações da vida nas quais sejamos chamados a dar testemunho do que já aprendemos;

Ao dizer que aquele que estivesse isento de pecado atirasse a primeira pedra Jesus deixou aquelas pessoas entregues ao juízo da própria consciência. E nós sabemos que a consciência é o nosso primeiro e principal juiz. Assim, a primeira daquelas pessoas que depois de consultar a própria consciência, chegasse à conclusão de se encontrar isento de erros, estaria livre para atirar a primeira pedra contra aquela mulher. Obviamente que nenhum dos presentes chegou à essa conclusão;

* ***“E tornando a inclinar-se, escrevia na terra”***: ao inclinar-se e voltar a escrever no chão novamente, Jesus dá aos escribas e fariseus a oportunidade de fazerem uso de seu livre arbítrio. Esse gesto de Jesus simboliza toda a paciência e tolerância que ele tem tido conosco ao longo dos séculos;
* ***“Quando ouviram isto, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio”***: naquele momento aquelas pessoas não apenas escutaram Jesus mas o ouviram, compreenderam sua mensagem. O fato de que saíram um a um significa que cada uma daquelas pessoas que ali estavam, tomou individualmente a decisão de não apedrejar aquela mulher. O mesmo ocorre conosco. A mensagem do Cristo é amplamente divulgada em quase todo o mundo mas uma grande maioria da humanidade apenas a escuta. Ouvir essa mensagem e tomar a decisão de mudar através dela é algo que ninguém poderá fazer por nós;

Quanto ao fato de terem sido os mais velhos os primeiros a saírem a explicação é simples: quanto mais velhos somos em Espírito – no nosso atual estágio evolutivo – maiores nossos débitos contraídos perante as Leis de Deus;

* ***Não consegui finalizar como eu queria. Tenho que prosseguir desse ponto.***

Na terceira parte de “O Livro dos Espíritos”, que trata das leis morais, no capítulo 8 – Da Lei do Progresso -, na pergunta 779 a Espiritualidade nos explica que nem todos os homens progridem da mesma forma e no mesmo ritmo. E mais: que está nos desígnios de Deus que os homens mais adiantados, através do convívio em sociedade, auxiliem aqueles que seguem na retaguarda. Portanto, é uma obrigação nossa não apenas ser indulgentes com as faltas alheias mas também, tanto quanto possível, auxiliar nossos irmãos de caminhada em suas dificuldades. É assim que o progresso se dá entre nós.

Quem já aprendeu um pouco mais precisa compreender as dificuldades dos que seguem mais atrás e, na medida do possível, auxiliá-los. Não é exatamente isso que a Espiritualidade desse casa tem feito conosco? O que seria de nós se ela virasse as costas para nós por causa de nossas faltas e imperfeições? Mas eles conhecem a nossa condição espiritual; eles já vivenciaram esse estágio no qual nos encontramos. E justamente por isso não nos atiram pedras. Ao contrário: estendem-nos mãos amigas e fraternas, nos alertam para a necessidade de superarmos nossas dificuldades e estão sempre dispostos a nos auxiliar.

E como nós falamos muito em indulgência nessa noite, gostaríamos de finalizar nossas reflexões com um exemplo da indulgência na prática. E nem se trata de um caso de acusação ou de se querer atirar pedras em alguém que errou. Trazemos esse exemplo para demonstrar o que um coração que realmente compreende as dificuldades alheias pode fazer através do amor.

É um relato que eu ouvi há alguns anos numa reunião pública da FEIG. Estávamos na semana de palestras sobre os mentores da Fundação e da Fraternidade Espírita Irmão Glacus e naquela noite a palestra era exatamente sobre o nosso Irmão Glacus Flamínius.

O palestrante foi o Edgar, que na época era o presidente da FEIG. Edgar terminou a palestra muito emocionado porque ele havia narrado o quanto o Irmão Glacus havia sido benevolente para com ele. Ao término da palestra o Alfredo, que era o dirigente da reunião, pegou o microfone e disse que nos contaria algo para que nós tivéssemos ideia do quão benevolente é o nosso Irmão Glacus. E ele contou o seguinte:

Havia uma irmã que integrava a equipe que realizava as reuniões mediúnicas. Esse irmã, no entanto, estava tendo uma conduta um tanto inadequada para uma pessoa que integrava as reuniões mediúnicas. Essas reuniões são muito importantes. Não é qualquer pessoa que pode participar delas e muito menos fazer parte da equipe que as realiza. E como a irmã em questão permanecia em sua conduta inapropriada para aquela tarefa, os demais componentes da equipe reuniram-se e depois de algum tempo decidiram afastar a irmã da tarefa. Mas como não se tomam decisões de maior vulto na FEIG e aqui na Fundação sem consultar o Irmão Glacus, o problema e a intenção de afastar a irmã da tarefa foram levados até ele.

O Irmão Glacus ouviu as explicações e disse que a preocupação daqueles irmãos tinha fundamento já que as reuniões mediúnicas exigem muita disciplina por parte dos tarefeiros. Ele disse que também que já sabia dos problemas de conduta da irmã em questão. Mas aí ele disse o seguinte, não exatamente com essas palavras: “Eu peço a vocês um pouco mais de paciência. Nossa irmã está passando por um período de grandes dificuldades e a única coisa que ainda a mantém num caminho mais correto é a sua participação na reunião mediúnica. Se nós a excluirmos da tarefa, estaremos retirando dela talvez o último recurso que ela ainda tenha para não se perder por completo. Portanto, eu peço a vocês que não a afastem da tarefa”.

Vejam só meus irmãos. Mesmo diante da gravidade do problema de conduta da irmã numa tarefa tão importante quanto a reunião mediúnica – e foi por isso que eu disse antes que não se tratava de se querer atirar pedras em alguém – o Irmão Glacus colocou a indulgência acima de tudo para evitar que a tarefeira desviada se perdesse por caminhos ainda mais escuros e tortuosos.

E eu não tenho a menor dúvida de que ele e toda a Espiritualidade dessa casa tem tido a mesma indulgência para conosco, não nos negando o amparo, o auxílio e as oportunidades de trabalho mesmo diante de nossas inúmeros e gigantescas faltas.

Sejamos gratos pelas oportunidades que nos são dadas lembrando sempre que não há nada, absolutamente nada em nossas vidas que nos qualifique como aquele que tem o direito de atirar a primeira pedra em quem quer que seja.

Agradecimentos e despedida.